
CIÊNCIA CIENTIFICIDADE E CIENTISTA

“Ciência” é uma palavra em alta nas sociedades ocidentais. Uma lavagem de tapete, um corte de cabelo, um mapa astral ganham outro estatuto quando se afirma que são “científicos”. Dessa forma, determinar o modo como a ciência é produzida, transmitida e exportada é tarefa essencial para a compreensão da sociedade. (Latour)

A QUESTÃO

Falar criticamente das ciências e dos cientistas significa mexer com um material altamente explosivo. Ainda que se diga que criticar não é negar, infelizmente essa é a compreensão generalizada. De nada adianta invocar sua etimologia da palavra grega “Krisis”, cujo significado é um tempo de mudança, de fecundidade e de criatividade. Crítica continua sendo, entre nós, sinônimo de negação, por vezes, de agressão pessoal. Há os que colocam a crítica no mundo das coisas abomináveis, uma forma de pensar destrutiva, perversa, que nada constrói. Essa resistência à crítica, muitas vezes, está na razão inversa do desenvolvimento da reflexão filosófica que mantém teimosamente seu vínculo umbilical aos temas transcendentais transformados em dogmas. Hoje, felizmente, recebe novos ares graças ao trabalho de um bom número de cientistas mais lúcidos que não se contentam com os modelos da cientificidade moderna. Evidentemente, nenhum deles nega radicalmente a ciência, mas mostram os desvios que ela pode tomar quando perde o seu sentido maior, estar a serviço do homem e manter o respeito ao universo.

O criticismo, enquanto doutrina filosófica, está fundado sobre a crítica do valor do conhecimento. Em síntese, a crítica atual visa retomar o mesmo tema, entretanto não como debate sobre as condições de possibilidades de conhecer das faculdades cognitivas do homem, mas enquanto o conhecimento científico deve estar a serviço do bem-estar do homem e do equilíbrio do mundo.

De fato, o que está em causa é a revisão de uma globalização científica hegemônica em favor de um novo pensamento no qual caibam vários e distintos saberes, não necessariamente científicos, entretanto fundamentais para a melhoria da qualidade de vida de todos os seres vivos e do universo. Procura-se mostrar os limites de um paradigma epistemológico e a legitimidade de outros paradigmas cognitivos.

A crise reflete uma situação de instabilidade motivada por mudanças acontecidas no quadro existente de uma realidade dada, de uma instituição, de uma ordem social, etc. A crítica, no fundo, é a tomada de consciência desta instabilidade, no caso presente, em relação às ciências empíricas, e a busca de um novo parâmetro de equilíbrio, não como substitutivo, mas como alternativa. A atual crítica frente às ciências modernas traduz-se por um juízo de valor estético ou filosófico e não um juízo lógico. Em outras palavras, a crítica

não propõe uma lógica que se articula entre o verdadeiro e o falso, mas uma lógica que coloca em jogo o sentido da vida do homem e a preservação da organização universal. Como referência desta postura, certamente, pode-se invocar as seguintes passagens da conferência de Husserl sobre a crise das ciências européias: A maneira exclusiva em que a visão global do Mundo que é a do homem moderno deixou-se, na segunda metade do século XIX, determinar e cegar pelas ciências positivas (...) Na angústia de nossa vida,- é o que nós ouvimos em toda parte - nada têm a nos dizer. (...) elas excluem as questões que são as mais ardentes para a nossa época infeliz (...) são as questões que incidem sobre o sentido ou sobre o não-sentido de toda a existência humana. (E. Husserl. La Crise des sciences européennes p. 10). É importante lembrar que a fala de Husserl aconteceu no longínquo 1935. O que diria, agora, se estivesse vivo, diante de uma situação muito mais grave?

Não se trata aqui de fazer uma ampla defesa da crítica, porque qualquer um, por mínima que seja sua inserção nos processos investigatórios, sabe que a ciência não é nem uma realidade monolítica, nem uma instituição homogênea, cuja unidade, no dizer de Pierre Bourdieu teria sido simulada nos anos 1950-1960 como se só houvesse ciência quando há unidade (Coisas Ditas. p.53). E Rubem Alves diz que as ciências oscilam como a bolsa de valores, em cada época há uma cientificidade, encarnada por uma ciência específica. Na Idade Média foi a Teologia, na Idade Moderna temos a Física e, parece, no século XXI teremos a biologia, em particular, a genética.

Estas diferentes cientificidades, por sua vez, tiveram seus grandes mestres. Sócrates, Platão e Aristóteles foram consagrados como os grandes fundadores de todo o pensamento racional que dominou e domina o Ocidente. Na Antiguidade cristã, Santo Agostinho é o representante máximo do pensamento filoteológico. Santo Tomás concentrou os méritos das grandes sínteses do pensamento teológico na Idade Média. Descartes tornou-se o fundador da ciência moderna. A partir da modernidade, com a criação de múltiplas ciências, mais ou menos autônomas, em cada uma delas surgem grandes nomes que dão as estabelecem as teorias fundamentais. Se a cientificidade é uma construção histórica e, portanto, humana, o primeiro passo da crítica à cientificidade atual, talvez, seja escutar com atenção a pergunta de A. F. Chalmers, “O que é ciência afinal?”. Uma pergunta que poderá nos levar a um passeio através das construções das ciências e das cientificidades.

CIÊNCIA E CIENTIFICIDADE

Não se trata aqui de narrar a história das ciências. Para isso existe uma vasta literatura. O objetivo deste estudo, marcado por uma crítica às ciências, é discutir a idéia de cientificidade. As críticas, geralmente, são dirigidas às ciências, em particular as ciências modernas, talvez, porque estas se apresentam como sendo a própria cientificidade. Por isso, dificilmente, colocamos em discussão a questão da cientificidade. Parece que a nossa formação científica nos habituou a ver uma espécie de sinonímia entre ciências modernas e

cientificidade. Tudo dá a entender que elas são a própria cientificidade. Da mesma maneira como a Bíblia foi apresentada como sendo única fala ou revelação de um Deus Único e Verdadeiro.

Isso leva a crer que só pode haver uma única ciência ou cientificidade, os outros saberes não são ciência, não possuem legitimidade científica porque não atendem aos requisitos desta cientificidade. Assim como ocorreu com outros livros sagrados não canônicos, foram classificados como apócrifos, isto é, não discurso divino.

Quando falamos em ciência não perguntamos pelo estatuto que lhe confere a dignidade de ciência. Em palavras simples, o que garante que tal saber é científico e outro não é científico. Em geral este debate permanece na superfície da questão limitando-se a apontar seus efeitos maléficos ou benéficos. Para chegar a esse debate mais profundo é necessário, conforme nos diz Edgar Morin, despertar a preocupação em “fazer conhecer o que é conhecer”. (Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro p. 14). No mesmo sentido, penso interpretar Maturana, quando se refere ao “ato de observar o observador”. (La Realidad: objetiva o construída? p. 65).

A preocupação em conhecer o que é conhecer e em observar o observador, nos conduz não apenas aos processos neurais do ato de conhecer, mas em descobrir o que caracteriza a sustentabilidade científica de um determinado ato de conhecer. O que determina que tal processo de produção do saber goza de cientificidade e outros, não. Tal debate, no meu entender, atinge a legitimidade do que se admite como sendo ciência e verdade. Portanto, questionar a cientificidade significa indagar-se sobre o mérito cognitivo de todos os saberes e dos respectivos processos de sua produção.

Há muitos tipos de saberes, diferenciados segundo os critérios de avaliação que se estabelece. Não vem o caso, agora, de enumerá-los, mas apenas de focar a cientificidade que nos domina. Em princípio ficaria pré-estabelecido que várias científicas são possíveis, como a história dos saberes humanos comprova.

Parece não haver dúvidas que o modelo de cientificidade presente no Ocidente é muito recente se tomarmos a história da humanidade desde suas origens. Até a elaboração da nossa cientificidade, a humanidade guiou-se por outras científicas e, conseqüentemente, por outras “ciências”. Feyerabend diz que a ciência se aproxima muito mais da magia do que se costuma admitir, e a própria ciência representa uma das muitas formas de pensamento e não necessariamente a melhor. (Contra o Método p. 447). Vou simplificar tomando o exemplo da história, talvez, uma das primeiras a estabelecer critérios novos de cientificidade. O termo grego história, tomado etimologicamente, significa investigação. Posteriormente passou a designar qualquer narrativa do agir humano ao longo do tempo. Por fim, com Heródoto, passou a designar uma narrativa objetiva do que aconteceu. A objetividade tornou-se o critério primeiro para garantir a cientificidade da narrativa histórica. As narrativas que não registrassem objetivamente o que aconteceu podiam ser lendas ou fábulas. Com Agostinho e Bossuet, já na era cristã, a história tornou-se o registro da ação da providência divina junto aos homens. Hegel, no século XVII, traça as linhas gerais da cientificidade moderna da história. A história consiste nas leis que regem o

processo evolutivo do homem em sociedade, em que predomina a sucessão cronológica de fatos conduzida por uma causalidade inspirada nas leis da física. Foi assim que a história encontrou sua cientificidade e o apoio dos cientistas na modernidade.

A filosofia herdada dos gregos seria, em última instância, o ancestral maior da cientificidade ocidental. Nos manuais de introdução à filosofia adotados nos cursos de filosofia entre nós, havia uma referência, da qual não se duvidava, de que no Oriente não havia filosofia. Aqui, é fundamental fazer duas observações. Se a filosofia, a partir dos gregos, deve ser entendida como um modelo específico de conhecer, - que é um conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade - então, no Oriente, não há mesmo filosofia. Mas se filosofia for interpretada, de um lado como amor pela sabedoria, e, de outro lado, como o conjunto das questões fundamentais da vida humana, então sem sombras de dúvidas, a meditação oriental antecedeu, e, em muito, as elocubrações metafísicas dos gregos.

Foi esta filosofia, definida como um conhecimento racional, lógico e sistemático, que se tornou o berço das ciências modernas. Embora a filosofia não tenha sido alijada da convivência das ciências empíricas por não garantir-se o rigor da cientificidade estabelecida, ela continua sendo a inspiração e o refúgio de todos os cientistas inovadores. As grandes questões do homem, da vida e do universo ainda resistem aos modelos da cientificidade moderna e aos esforços de controle dos cientistas. É neste espaço que a filosofia, como meditação reflexiva, transita com mais desenvoltura do que a ciência com seus pesos e medidas. No fundo, hoje, é o cientista que, uma vez fora da atmosfera laboratorial, renova a filosofia ao dedicar-se à meditação das grandes causas do homem. Por exemplo, diz Heidegger, quando em julho de 1949 dezoito nobelizados reunidos declararam num manifesto que a “Ciência é um caminho para a vida mais feliz do Homem”. Tal afirmação resulta de uma meditação que não precisa de provetas, tubos de ensaio ou reagentes químicos. Para se chegar a tal conclusão foi preciso questionar-se sobre as verdades científicas e sobre as técnicas delas surgidas e o impacto sobre a natureza e sobre a vida do homem. Isto somente é possível quando se pensa em nome de outros valores que não são exatamente os da ciência. Estamos, diriam Monod e Henri Atlan, emitindo juízos de valor, que não fazem parte dos juízos da ciência.

CIENCIAS E CIENTISTAS

Ciência e cientista são duas palavras gêmeas de alta ressonância no mundo ocidental e globalizado. Tudo o que se faz, mesmo as atividades mais corriqueiras, adquire, segundo diz Latour, um status superior, desde que possa receber o qualificativo de científico. Um simples corte de cabelo ou uma prosaica loção de barbear merecem muito mais respeito e credibilidade quando forem científicos. Da mesma maneira, um conferencista provoca suspiros de encantamento e uma devoção de submissa credibilidade ao ser anunciado como cientista, especialmente ao se acrescentar reconhecido mundialmente. Ser um profissional com título universitário parece não ser suficiente para merecer o respeito da sociedade

acadêmica e a confiança do público, é preciso ser cientista. Assim, quando em certas áreas não há um termo específico para designar seu profissional, recorre-se a expressões do tipo, cientista social, cientista político, entre outras.

Através da questão da cientificidade descobrimos a estreita relação existente entre cientistas e ciências. Segundo Thomas Kuhn parece haver uma unidade simbiótica entre eles. Pelo menos, e isto é dito por ele explicitamente, há uma circularidade entre ciência e cientista e isto porque a cientificidade depende da comunidade científica; e a comunidade científica se constitui graças à adoção de um mesmo paradigma de cientificidade. Neste sentido Thomas Kuhn afirma que “Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”. Portanto o cientista e a ciência se confundem no interior de uma especialidade científica ou num tipo de cientificidade.

Tentando entender um pouco mais o comprometimento umbelical entre cientista e ciência, eu diria que, atualmente, ambos concentram a lógica do poder. A história da humanidade nos revela que o poder acontecia em duas instâncias. Uma dava-se na esfera do humano. Aí se exercia o poder governamental em nome da ordem social. Outra acontecia na esfera do sobrenatural. Aqui, o poder era exercido em nome da divindade ou de forças ocultas. Talvez, seja possível dizer que, no primeiro caso, encontramos o Estado, no segundo, a Religião. De um lado estaria o cacique, do outro lado o xamã. Ambos precisam de legitimidade para ocupar seu cargo e exercer o poder. Em linhas gerais a legitimidade depende de saberes, embora e às vezes, a força sobrepunha o saber e a razão.

Na modernidade cada vez mais se buscou no saber a legitimidade do poder. Assim a ciência e o cientista, em última instância, concentram o poder do cacique e do xamã. Eles constituem o fundamento último de todas as decisões, seja no campo político, seja no campo religioso. Se o científico aumenta, conforme diz Latour, o valor de um corte de cabelo, imagine-se quanto à cientificidade será necessária para justificar uma decisão política e para confirmar uma verdade teológica. O cientista acaba sendo, ao mesmo tempo, a sombra do governante e do sacerdote. Ele garante a sustentabilidade ou a não sustentabilidade de qualquer conhecimento sobre o qual se queira tomar uma decisão. Ele concentra a força misteriosa e sobrenatural de conhecimentos que o comum dos mortais não pode confirmar, mas tem de acreditar, e a força da técnica diante de sua eficácia visível a todos. Tudo faz crer que ser anticientífico é colocar-se contra o mundo, contra o homem e contra Deus.

Os poderes da ciência e do cientista foram construídos muito lentamente e através de muitas lutas contra o domínio do saber teológico e do poder religioso. A ciência fazia parte dos movimentos modernos, o que significava uma afronta contra a perenidade dos valores medievais. A vigilância dos inquisidores contra os modernos era feroz e estendia-se em todas as instâncias. Por exemplo, na música as inovações melódicas e rítmicas eram condenadas como modernas. Vincenzo Galilei, músico e compositor, era um dos que condenava as novas criações dos músicos modernos, ignorava que meio século mais tarde seu filho, Galileu Galilei, seria condenado pelos mesmos motivos. Nas ciências, não só se

condenava as novas teorias como heresias, mas também a metodologia. O caso de Petrus Ramus foi o mais emblemático. Ele, ao tentar apresentar pela primeira vez a dúvida metódica como processo de produção do conhecimento, foi assassinado.

Apenas no século XVII que a inflexão positiva da modernidade chegou. Descartes já fala com tranquilidade. E consegue ressuscitar a proposta deste espantoso pré-cartesiano, Petrus Ramus, que viveu um século antes dele, transformando a dúvida metódica no eixo da pesquisa científica. Por fim, no século XVIII o termo “moderno” toma duplo sentido de ruptura em relação ao passado dogmático e de progresso que levaria a um futuro melhor para humanidade.

Desde então ciência e cientistas celebraram um casamento, quase indissolúvel, caso não surgisse uma série de desconfiças de que o conhecimento científico não é o último passo na escala dos saberes humanos e, muito menos, o único a dar respostas corretas aos problemas do homem; e o cientista não é aquela figura angelical que só busca a verdade. Assim, esta harmonia entre ciência e cientistas, construída durante mais de três séculos, parece não se refletir sobre o homem e o mundo, portanto, tudo indica, estaria com os dias contados. Os próprios cientistas começam a duvidar da “sabedoria” das ciências e deles mesmos.

CRÍTICA E AUTOCRÍTICA

Os questionamentos sobre as ciências vêm de muitas direções. Quando o questionamento é resultante de uma crítica vinda de pessoas estranhas às das ciências empíricas, por exemplo dos chamados humanistas, facilmente são desdenhadas pelos cientistas, mas quando se trata de uma autocrítica, a situação fica muito mais alarmante ou, talvez, entusiasmante.

Em primeiro lugar, tanto a ciência quanto o cientista não gozam mais da confiança absoluta da neutralidade e da objetividade, os dois bastiões que defendiam a cidadela da cientificidade de qualquer ataque ideológico e subjetivista. Hoje se fala, sem maiores receios, de que a ciência é uma atividade humana e o cientista é um observador que, além de ocupar um lugar social, observa de dentro de uma estrutura biológica que lhe é própria. Vamos por partes.

Quanto à ciência, sua neutralidade não passa de um mito, já apontado por inúmeros autores. Por razões óbvias, a mais fundamental está no fato de que ela é resultado de um projeto humano. Em consequência, segundo Maturana, a ciência, enquanto criação histórica e cultural, tem o mesmo valor e sentido que qualquer outra atividade humana. (La realidad: objetiva o construida? p. 72). E para Boaventura de Souza Santos todo conhecimento científico-natural é científico-social. (Um Discurso sobre a ciência p. 37). Outra razão do declínio da ciência é o seu fracasso frente aos problemas humanos. Se, de um lado, as ciências trouxeram grandes benefícios com seus recursos tecnológicos, por outro lado criou infindáveis dificuldades de relacionamento com o mundo. Não faltam os que denunciam um eminente apocalipse do nosso planeta, ao mesmo tempo que reclamam

a criação de uma nova cientificidade, cujo eixo seria a ecologia em seu sentido mais amplo e original.

No interior deste discurso denunciante da ciência em vigor e suplicante de uma nova epistemologia, ouve-se uma voz crescente pregando a reforma do pensamento, como faz Edgar Morin, e, até, anunciando o próprio fim da ciência, como pensa John Horgan, começando por uma discussão profunda sobre os limites do conhecimento científico. Tudo em nome da preservação da humanidade e da unidade cósmica. Isto porque há uma mentalidade generalizada de que a natureza, supostamente reproduzida pelas ciências naturais, não passa de um construto do tipo lógico-matemático. Segundo Marilena Chaui aquilo que, em nome das ciências naturais, chamamos de natureza, são modelos lógico-matemáticos construídos em laboratório pelos cientistas. Tal idéia está plenamente de acordo com o que descrevem Bruno Latour e Steve Woolgar, em sua obra, *A vida de Laboratório*. Nela encontramos uma análise detalhada da construção de fatos que vão servir de referência para a formulação teórica, isto é, a invenção do objeto científico.

Um outro grande abalo sofrido pelas ciências modernas aconteceu no território das verdades e das certezas, duas grandes prerrogativas da modernidade científica. Verdade e certeza, como ciência e cientista, andavam de mão dadas. O ideal de certeza começou a sentir a primeira fustigada quando Werner Heisenberg, em 1927, introduziu o “princípio da incerteza”, o que obrigou aos físicos redefinirem suas relações com o mundo. Na mesma esteira, Bronowski, em nome da idéia de acaso, afirma que “nos encontramos na terra do às vezes e do porventura, quando esperávamos continuar a viver com o sempre e a certeza. (Do Senso Comum da Ciência p. 83). Por fim, Ilya Prigogine, prêmio Nobel de química, lança em 1996 sua instigante obra *O Fim das Certezas*. Com isso, parece claro, que as ciências atuais precisam ser reavaliadas. E uma vez aceitas tais novidades fica óbvio sonhar com uma nova epistemologia ou uma nova cientificidade.

A crítica endereçada à ciência leva de roldão o cientista. Seria impossível questionar a ciência sem que seu “sacerdote” não perdesse o carisma. A crítica ao cientista como um sujeito frio, sem sentimento e racionalista, desde longa data praticada pelos, assim chamados, humanistas, recebe o reforço de uma autocrítica, isto é, de uma reflexão que os próprios cientistas fazem sobre si mesmos.

Em primeiro lugar esta reflexão mostra que o cientista não está revestido de uma inocência batismal, cujo único objetivo é a verdade. O cientista, além de observar de algum lugar social, entendido como toda sua bagagem cultural, também observa enquanto é um sistema biológico específico. Que ninguém é capaz de se desvincular de seu universo cultural, certamente, todos admitem. Admitir os limites biológicos, talvez, seja mais complexo. Espero tornar clara tal idéia “recorrendo às palavras de um dos mais renomados biólogos da atualidade, Humberto Maturana. Escreveu ele: “Nosotros científicos hacemos ciencia como observadores que explican lo que observan. Como observadores somos seres humanos. (...) El observador ocurre con la observación, y, quando muere el ser humano que es el observador, el observador y la observación llegan a su fin”. (La Realidad: objetiva o

construída? -64-65). Portanto, se a morte da observação é simultânea à do observador, significa que nenhum outro cientista poderá refazê-la tal qual era feita.

A figura do cientista, como agente produtor de conhecimentos, aparece de maneira comprometedor na obra de Dennis Overbye, *Corações Solitários do Cosmo*, publicada em 1991. Nela, o autor descreve com muitos detalhes o que significam comportamentos marcados pelo espírito competitivo e conflitivo entre cientistas movidos pela paixão. Bruno Latour, em sua obra *Ciência em Ação*, reforça e acrescenta mais combustível na denúncia de Overbye ao afirmar que “Nós, os leigos, distantes da prática da ciência e da lenta construção de artefatos, não temos idéia da versatilidade das alianças que os cientistas estão dispostos a fazer”. (p.209). Para acrescentar apenas mais um dado nesta história, é bom lembrar o caso Benveniste retomado recentemente. Em poucas palavras, trata-se do seguinte: o objeto central é o debate científico sobre a eficácia da homeopatia, uma terapia praticada desde tempos remotos, mas fortemente combatida pelos cientistas ortodoxos, por basear seu potencial curativo em soluções ultradiluídas. E aqui valho-me das informações de Álvaro Pereira Junior, publicadas no Caderno Mais da Folha de São Paulo de 09.08.2001. Segundo ele, a edição de 30 de outubro de 1988 da conceituada revista científica “Nature” trazia um artigo inusitado do cientista francês Jacques Benveniste. Ele anunciava ter encontrado a base farmacológica da homeopatia, algo que chamou de “memória da água”. Depois de um exame feito no laboratório e de uma repetição fracassada da experiência, a revista ridicularizou o cientista. Ele perdeu todo o financiamento público e fechou o laboratório. Benveniste não desistiu de suas pesquisas, atualmente publicou, agora numa revista de menor nome científico, os resultados nos quais afirma ter “detectado efeitos que não podem ser explicados pela farmacologia tradicional”, o que constituiria uma prova científica da homeopatia.

Outro ponto, levantado pela crítica a propósito de ciências e cientistas, é o da metodologia. Desde a publicação de *O Discurso do Método*, obra de Descartes, a metodologia passou a ter um papel fundamental para o pesquisador. Não raro, nas bancas de defesa de dissertações ou teses, percebe-se que o mérito da pesquisa está mais para a metodologia empregada do que para a capacidade do pesquisador. Membros da banca centram seu “fogo” avaliador científico sobre o rigor do método e pouca atenção sobre a criatividade do autor. Tal fato aparece de maneira mais acentuada em certos avaliadores de projetos de pesquisa, pouco sabem sobre a capacidade criativa de quem apresenta o projeto, tudo fica por conta da precisão do método escolhido que garante o enquadramento do tema proposto. A criatividade do autor, bem a criatividade não está em jogo, e mesmo se estivesse já foi sufocada em grande parte pelas algemas do método. Parece que uma vez resolvido o problema da metodologia todo o resto é consequência natural.

Entretanto, entre os críticos, a compreensão não é exatamente esta. Cassirer, por exemplo, mostra que aquilo que nos é oferecido sob o nome de metodologia científica é apenas uma representação ideológica da maneira legítima de fazer a ciência que não corresponde a nada de real na prática científica.” (In Bourdieu *Coisas ditas* p. 55). Acredito que não é preciso recorrer a Feyerabend para validar a já consolidada crítica à supremacia

metodológica nos projetos de pesquisa, entretanto, é bom lembrar que, tanto ele como Thomas Kuhn, não negam a ciência, mas afirmam que não há um “método científico”. Na verdade o método é o primeiro passo a garantir uma verdade preestabelecida pela hipótese. A importância do método aumenta na proporção inversa da autonomia de pensar do pesquisador. O pesquisador pode ser comparado a um nadador, quanto menos ele souber nadar, mais precisará de bóias para flutuar em qualquer superfície líquida. Na verdade o método deveria ser construído junto com a pesquisa. O guia do pesquisador deveria ser o objeto em estudo e não o método.

Agora, para completar, não posso deixar de citar uma ideia de Peter Sloterdijk que, no meu entender, expressa toda a dependência do método que se instalou entre nós. Numa linguagem metafórica ele diz que o cientista não é tal porque domina a objetividade do real, mas porque domina as lunetas. (*Crítica da Razão Cínica*). Desde que os homens deixaram, por um lado, de acreditar nas revelações divinas, e, por outro lado, também não confiaram em suas inspirações intuitivas, não houve outro caminho senão confiar na eficácia do método, enquanto caminho para a cobijada verdade do real. Esta história ficaria longa, e toda história demasiado longa torna-se enfadonha, entretanto, creio que foi possível traçar a atmosfera de um novo ambiente que nos envolve, ainda que, para se falar em nova ordem humana e planetária será necessário, provavelmente, enfrentar muitos Vincenzos Galilei e passar por inúmeros tribunais inquisitoriais. Quando este tempo chegar, talvez a exemplo de Copérnico e Galileu Galilei, poderemos falar sem medo de uma ciência pós-moderna. Até lá, teremos que suportar, como Tales de Mileto, as risadas zombeteiras de domésticas, ainda que belas.